

A REPRESENTAÇÃO DO GOLPE MILITAR EM “A CASA DOS ESPÍRITOS”

Luciana Ferrari Montemezzo
UFSM

Falar do ser humano e de sua evolução na Terra, seja através do discurso ficcional ou científico, é um ato político. Político não no sentido etimológico do termo, que se refere à *arte ou ciência de governar*, segundo o dicionário Michaelis (1998), o que significa hoje um ato essencialmente partidário. É um ato político no sentido de que participa da vida de um determinado povo, questiona-a e reflete sobre ela. Dessa maneira, toda palavra escrita - literária ou não - que trata da História vem carregada de um tom político, como afirma Eduardo Galeano, ao referir-se ao ofício do escritor no continente hispano-americano:

Escrevemos a partir de uma necessidade de comunicação e de comunhão com os demais, para denunciar o que dói e compartilhar o que dá alegria. Escrevemos contra a nossa própria solidão e a solidão dos outros. Supomos que a literatura transmite conhecimento e atua sobre a linguagem e conduta de quem a recebe; que nos ajuda a conhecer-nos melhor para salvar-nos juntos.

(Galeano, 1990: 07)

De acordo com a perspectiva de Galeano, Isabel Allende em *A casa dos espíritos* reflete sobre a História chilena - que, em muitos aspectos, é semelhante à História latino-americana em geral - e descreve com muita propriedade fatos de essencial importância para a recuperação de períodos históricos ainda recentes e obscuros. Tais características podem classificá-la como um romance histórico, ou seja, como uma obra que trata ficcionalmente dos signos da História. Sobre o entrecruzamento entre o discurso ficcional com o histórico, Mario González afirma que

O romance histórico (...) é leitor singular dos signos da história. (...) os signos da história são retomados pelo romance histórico para multiplicar seus significados. O discurso da história deve buscar a univocidade, por ser científico; o romance histórico, porém, recupera os signos da história do universo da afirmação científica para o espaço da existência humana onde foram motivados e onde são recarregados da ambigüidade original. (González, 1997: 212)

As afirmações de González chamam atenção para a concepção aristotélica de que ao historiador cabe o registro, enquanto que ao escritor cabe a criação. Ao leitor, participante de um determinado contexto histórico, cabe-lhe a identificação desses signos, através de leituras paralelas do mundo em que vive, com vistas a identificar a ficção na História ou vice-versa.

É na criação de uma história dentro da própria História que Isabel Allende reconstituiu um dos fatos mais relevantes da História chilena contemporânea: o golpe militar que depôs o socialista Salvador Allende e a conseqüente tomada de poder por parte dos militares. Embora a autora não mencione seu nome, através do conhecimento prévio da História recente, o leitor pode deduzir que o Presidente - sempre mencionado com maiúscula - socialista é, de fato, Salvador Allende.

Através dos personagens principais, marcam-se algumas posições sociais, as quais entrarão em conflito ao longo da narrativa e destacarão a amplitude alcançada pela ascensão ao poder - por via democrática - de um socialista em um país do terceiro mundo.

A obra dá especial importância, como se refere metaforicamente a professora Márcia Navarro, “as mulheres puxando o trem da história” (Navarro, 1995: 17). De acordo com a professora Navarro, em *A casa dos espíritos*

(
...) a história do Chile não é apenas contada através de quatro gerações de mulheres que pertencem à elite dominante, mas também através da luta de classes que está transformando o país e como as mulheres se posicionam a favor das classes oprimidas. (idem, p. 16)

Assim, narram-se os fatos históricos com muita singularidade, não somente devido à preocupação com a reflexão sobre os mesmos, através de a polissemia típica do texto literário, mas também devido à oportunidade que o texto dá às vozes femininas. O fato de que duas categorias sociais alijados do poder - as mulheres e os camponeses - possam expressar-se sobre um tema tão importante como a História faz de *A casa dos espíritos* um texto de protesto, digno de análise e reflexão.

AS PERSONAGENS

O rude proprietário rural Esteban Trueba, homem de origem humilde que conseguiu poder e riqueza explorando a pobreza e boa vontade de seus empregados, representa a elite chilena, decidida a manter sua hegemonia. É ativo participante de um grupo que defende os valores mais tradicionais, embora para isso necessite mascarar o que considera vergonhoso, em nome da reputação familiar, como quando a sua filha Blanca fica grávida de um camponês socialista. Trueba resolve a situação casando-a com um conde francês, solucionando o problema criado em seu lar e salvando a honra de sua filha. No entanto, o casamento é uma opção infeliz, já que o conde não compartilha os mesmos valores da família y desaparece, abandonando sua jovem esposa Blanca. A filha de Blanca, Alba, recebe, contudo, o sobrenome francês, desconsiderando-se sua origem camponesa, vergonhosa sob a ótica tradicional.

O pai de Alba, Pedro Tercero García, o camponês socialista, integra o povo dominado e inquieto, que luta por melhores condições de trabalho, igualdade social e reforma agrária. É um dos líderes do movimento que leva ao poder o Presidente socialista. Por tudo isso, opõe-se à elite, alçando a voz contra Trueba, patrão de sua família há anos. Com sus canções de protesto e seus discursos inflamados, tenta despertar os mais humildes para a existência de seus direitos.

Por causa disso, e acrescentando o fato de que o camponês é o responsável pela desonra de sua única filha mulher, Trueba persegue a Pedro Tercero e quando o encontra lhe corta três dedos da mão, para que não toque mais suas canções de protesto:

De uno de los galpones salía una frágil columna de humo, vi un caballo amarrado en la puerta, deduje que allí debía estar Pedro Tercero (...) Nos observamos em silencio, jadeando, cada uno esperaba el primer movimiento del otro para saltar. Entonces vi el hacha. (...) en el último instante levantó los brazos para detener el hachazo y el filo de la herramienta le rebanó limpiamente los tres dedos de la mano derecha. (Allende, 1985: p. 218-219)

Depois de tudo, embora apaixonado por Blanca, mas afastado dela, Pedro Tercero se incorpora à luta armada contra o regime ditatorial, vivendo como clandestino ao longo de grande parte da obra. Por isso, abre mão da convivência com Blanca, com quem somente vai encontrar-se no Canadá, ambos exilados.

As mulheres representam o caminho em direção à emancipação feminina e à ruptura com os padrões patriarcais de dominação. Nivea, a primeira, era a sufragista que lutava pelo voto feminino. Clara, sua filha, era a doce e clarividente esposa de Trueba, a

única capaz de abrandar o autoritarismo do marido. Blanca, filha de Clara e Esteban, é a que se envolve com um camponês, mas ainda assim não consegue romper totalmente com as expectativas tradicionais e somente vai encontrar sua felicidade no exílio. Sua filha Alba, fruto da união das duas classes sociais, obtém sucesso em sua trajetória rumo à independência e rompe com os padrões, partindo para a luta armada e sofrendo as consequências de seus atos.

OS MOMENTOS DE TERROR

Quando a elite percebe a possibilidade de vitória do partido socialista, há discussões no âmbito do Partido Conservador, pelo qual Trueba agora é Senador da República. Preocupados com as mudanças sociais e com a reforma agrária apregoada pelos socialistas, reúnem-se os conservadores para organizar estratégias que garantam a manutenção da ordem social segundo seus desejos, através de um golpe militar. O agente de inteligência da embaixada presente à reunião, no entanto, rechaça tal alternativa, afirmando que “ese asunto lo vamos a arreglar con dinero” (p. 361). Trueba não concorda com a posição do agente:

- Sáquese esa idea de a cabeza, míster! - exclamó o senador Trueba -. Aquí no vai a poder sobornar a nadie! El Congreso y las Fuerzas Armadas son incorruptibles. Mejor destinamos ese dinero a comprar todos los medios de comunicación. Así podremos manejar la opinión pública, que es lo único que cuenta en realidad.

- Eso es una locura! Lo primero que harán los marxistas será acabar con la libertad de prensa! - dijeron varias voces al unísono.

- Créanme, caballeros - replicó el senador Trueba -. Yo conozco a este país. Nunca acabarán con la libertad de prensa. Por lo demás, está en su programa de gobierno, han jurado respetar las libertades democráticas. Lo cazaremos en sua propia trampa.

El senador Trueba tenía razón. No pudieron sobornar a los parlamentarios y en el plazo estipulado por la ley la izquierda asumió tranquilamente el poder. Y entonces la derecha comenzó a juntar odio. (idem, p. 361)

Com a vitória dos socialistas, Jaime, filho do Senador Trueba e médico comunitário, torna-se médico da presidência. Com isso, nas horas de agonia anteriores ao golpe militar, é chamado ao gabinete presidencial, onde testemunha os momentos mais críticos do governo:

Lo despertó la campanilla del teléfono y una secretaria, com a voz ligeramente alterada, terminó de espantarle la modorra. Lo llamaban del palacio para informarle que debía presentarse en la oficina del compañero Presidente lo antes posible, no, el compañero Presidente no estaba enfermo, no, no sabía lo que estaba pasando, ella tenía orden de llamar a todos los médicos de la Presidencia. (idem, p.385)

Devido à sua participação efetiva no governo socialista, a voz de Jaime narra os momentos finais do Presidente que ousara propor mudanças que favoreceriam a vida dos cidadãos mais esquecidos de seu país. No gabinete presidencial, Jaime participa dos momentos finais do Presidente:

(...) En el interior del edificio quedaron alrededor de treinta personas atrincheradas en los salones del segundo piso, entre quienes estaba Jaime. Creía encontrarse en el medio de una pesadilla. (...) Oyó la voz do Presidente que hablaba por radio al país. Era su despedida. (...) Vivan los trabajadores! Éstas serán mis últimas palabras.

Tengo la certeza de que mi sacrificio no será vano! (...) Entonces oyeron el rugido de los aviones y comenzó el bombardeo. (idem, p. 386-387)

Não somente Jaime - que é morto pelos militares - mas também Alba participa das manifestações de resistência ao golpe militar e ao estado de exclusão que se impõe ao país. Sua participação é tão efetiva que a levam presa da casa de Trueba, desesperado ante a falta de respeito dos militares para com um Senador da República:

En esos meses, el senador había aprendido que ni siquiera su limpia trayectoria de golpista era garantía contra el terror. Nunca se imaginó, sin embargo, que vería irrumpir en su casa, al amparo del toque de queda, una docena de hombres sin uniformes, armados hasta los dientes (...) Vio a otros que abrían de una patada la puerta del cuarto de Alba (...) con metralletas en la mano (...), los vio sacarla a los empujones (...) (idem, p. 420)

Estupefato com os rumos que os militares deram ao golpe, e por ver-se envolvido em uma situação em que de nada valia sua reputação e seu nome, Trueba comove-se e passa a avaliar de maneira diferente a vida que lhe é imposta. Busca ajuda para encontrar Alba em Tránsito Soto, a prostituta a quem ajudou na juventude, que agora é influente e amiga de vários militares:

(...) yo al principio no quería oír hablar de muertos, de torturados, de desaparecidos, pero ahora no puedo seguir pensando que son embustes de los comunistas, (...) si hasta los propios gringos, que fueron los primeros en ayudar a los militares (...) ahora están escandalizados por la matanza, (...) pero se les pasó la mano, están exagerando las cosas y con el cuento de la seguridad interna y que hay que eliminar a los enemigos ideológicos, están acabando con todo el mundo (...) (idem, p.439-440).

A representação que é dada ao golpe militar é uma demonstração da proximidade entre o ficcional e o histórico na narrativa de *A casa dos espíritos*. Parte da crítica, talvez devido à riqueza de detalhes com que é contada a história, define-a como “demasiadamente jornalística”, aludindo, talvez, ao início da carreira de Isabel Allende. Outra parte, provavelmente por causa da atitude emocional que perpassa toda a narrativa, afirma o paradoxo de emocionalidade nos relatos históricos. Se se pode dizer que o estilo é jornalístico em alguns trechos, não se pode afirmar que isso rouba o valor à obra, uma vez que é jornalista o primeiro elo na cadeia que registra os fatos que, depois de um determinado tempo, vão adquirir ou não valor histórico. Quanto à emocionalidade na narrativa, cabe afirmar que, como já se disse, o romance histórico não tem compromisso com o científico. Ao contrário, ao questionar o valor absoluto dos fatos históricos, reflete sobre eles e polemiza seu status de verdade única.

Bibliografia:

- ALLENDE, Isabel. *La casa de los espíritus*. Buenos Aires: Sudamericana, 1985.
- GALEANO, Eduardo. *A descoberta da América (que ainda não houve)*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1990.
- GONZÁLEZ, Mario. *Memória e biografia*. In: AGUIAR, Flávio (org.) *Gêneros de fronteira: cruzamento entre o histórico e o particular literário*. São Paulo: Xamã, 1997.
- NAVARRO, Márcia Hoppe (org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1995.